

# O Rio continua lindo, mas... 2 ABR 1995

PF

**JOSÉ SARNEY**

O espírito do Rio de Janeiro é o da antiviolença. Nenhum lugar do Brasil cultivou mais a cordialidade típica do brasileiro, este traço inconfundível do país tão bem analisado na obra clássica de Sérgio Buarque de Holanda. A geografia, o mar, a cultura da praia, do futebol, do carnaval, do boquete, da conversa de esquina se alicerçam na convivência e não há cidade onde este espírito tenha alcançado um nível tão coletivo, como o saber viver do carioca.

De repente a outrora Cidade Maravilhosa cria o medo de conviver, o temor de fazer amigos, destrói o sentimento de solidariedade e ganha a imagem dos meninos mortos da Candelária, dos seqüestros, dos esquadrões da morte, dos assaltos, da droga e do crime organizado. Se não bastassem tantos estigmas, nasce um outro, da intolerância política, do conflito organizado. O Rio passa a ser o território da reserva de mercado das quadrilhas que lutam para manter sua influência dentro do seu espaço, sem deixar que nele penetrem nem a lei nem a ordem.

Lembro-me de 1987 quando, ao sair do antigo Paço, na Praça Quinze, ali se organizara, com antecedência, obedecendo a um planejamento detalhado, um simulado enterro do governador de então, que logo degenerava em agressão ao presidente da

República. O que se buscava? Dar ao país a impressão de que o Rio era um território hostil, onde não se podia entrar porque um estilo velho e violento da intimidação não admitia violação de espaço. Era este um sentimento da cidade para comigo? Não. Quando disputei as prévias, nas eleições do ano passado, o Rio anotava um dos maiores índices em favor de minha candidatura à Presidência.

Agora, o mesmo estilo, o mesmo procedimento se repete com o presidente Fernando Henrique. É o Rio? Não, são aqueles que representam a negação do Rio. Terra que tem um pouco de cada brasileiro e o cenário dos maiores episódios de nossa História. No Rio nasceram as instituições. Aqueles sítios recordam a Constituinte de 1823, na qual se discutia a fundação de um país baseado nos ideais de liberdade. Como pensar que ainda hoje se tenha de discutir que o direito de cada um termina onde começa o direito do outro cidadão?

Mais condenável é constatar a prática do mais terrível de todos os males de uma sociedade democrática: a violência política, que logo se degenerou em violência urbana, que subiu as favelas, que corroeu a alma da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Qual a mão invisível que semeou esta tragédia? O povo? Não, este é vítima indefesa. Foi um estilo ressentido e anárquico que presidiu as ações políticas que tiveram como palco a outrora capital federal.

Vejo que o Rio tenta sair desse círculo de ferro. A tropa federal é acionada para dismantelar o narcotráfico e o crime organizado. A sociedade sente-se insegura e o medo domina as áreas mais pobres, onde atuam as quadrilhas. Nessas áreas, como já não bastassem os problemas da pobreza e da miséria, a angústia de viver, cria-se mais uma desgraça: a pulsão da morte, não o medo de morrer, mas de estar vivo. Vejo com alegria essa determinação de se darem as mãos o governador Marcello Alencar, o prefeito César Maia e o presidente Fernando Henrique, que nas suas ações vai mais longe e cria um programa de coordenação de ações de governo, chefiado por este carioca de jeitão e alma que é Raphael de Almeida Magalhães.

A violência tem várias faces. A violência institucional, praticada pelos agentes do poder, e a violência política, gerada pelo fanatismo e pela ideologia, que promovem a incitação das massas e de grupos organizados para intimidar, dissuadir e violar os direitos de opinião, pela patrulha e pela ameaça. A violência anárquica, nihilista, o terrorismo de qualquer origem, religiosa, fundamentalista ou intolerante. Todo tipo de violência tem um pouco de síntese de todas as violências, que é a guerra, definida por Clausewitz "como um ato de força para forçar o adversário a cumprir a nossa vontade". Evidentemente que esta vontade tem várias motivações, sendo a cotidiana aquela

que deriva do crime.

Agora mesmo surge o tecnoterrorismo, este matou no metrô de Tóquio e espalha pelo mundo inteiro o temor e a revolta. É um ato isolado, um episódio incomum, cuja motivação está na demência das seitas, na necrofilia, cuja definição dada por Erich Fromm, no seu livro "O coração do homem", é o "amor dos mortos".

Mas a comparação com a violência no mundo não pode ser a válvula de escape da responsabilidade de todos nós de acabar com a violência no Rio. Vamos voltar a ver a paz nos olhos dos cariocas, a segurança de fazer amigos em cada esquina e em cada praia, gosto da convivência e não o medo de encontrar em cada rua, em cada pessoa, um assaltante, um bandido, uma bala perdida.

Sou contrário à pena de morte, mas acho que a Constituição de 1988, também, foi uma das causas do aumento da violência no Brasil, como um todo, ao estabelecer direitos aos criminosos, inclusive aquele que permite ao assassino defender-se solto, com a tese preliminar de que o morto é o culpado!...

O Rio continua lindo, mas não pode tolerar os crimes hediondos da matança, dos assaltos e dos seqüestros e o gesto feio de um bloco de ressentidos e não recuperados à vida democrática, de tratar o presidente da República a pedradas.

José Sarney é presidente do Senado Federal.